APRESENTAÇÃO

Desde os primeiros anos deste século, críticos universitários têm se posicionado sobre os rumos da crítica literária e cultural no Brasil, preocupados com o seu esvaziamento e perda de sentido. Seus textos, distintos em termos de abrangência e formato (de artigos curtos para jornal a livros) fazem, no conjunto, uma avaliação negativa da atividade crítica contemporânea e, de modo geral, clamam pela retomada de algumas das suas funções – avaliar, hierarquizar, organizar e explicar – que estariam, por vários motivos, sendo deixadas de lado.

Contudo, apesar do pessimismo, é possível destacar algo novo e interessante nesses escritos: eles tomam o ato e o texto de crítica como objetos dignos de reflexão e pesquisa, seja porque a crise da crítica demanda auto-exame urgente, seja porque uma crise mais geral, da cultura e da literatura, que corresponderia a uma crise de representatividade social destas, faz com que a crítica repense o seu lugar na sociedade e, mais especificamente, no campo literário.

Na esteira dessas tomadas de posição, o objetivo, ao propor este dossiê para a revista *Teresa*, foi reunir ensaios sobre o discurso crítico brasileiro. Por meio de uma chamada de trabalhos abrangente, buscou-se trazer para o debate pesquisadores que vêm se debruçando sobre o texto crítico no país, em suas diferentes tendências, usos e interrelações, e, da mesma forma, em outros momentos de nossa história literária. Optou-se, dessa maneira, por não limitar a chamada de textos aos dilemas do presente, nem definir *a priori* funções ou conceitos de crítica literária, o que, em boa medida, permite tomar um pouco de distância das angústias contemporâneas para buscar uma ampliação dos termos do debate.

Desse modo, os artigos publicados neste dossiê enfocam temas e estudos críticos que se situam do romantismo aos dias de hoje. E, mesmo que sejam textos de pesquisadores universitários, investigam não apenas esse segmento , isto é, da crítica acadêmica, mas, também, escritores e críticos de jornal e, em alguns casos, ainda, articulam os três tipos de crítica, de jornalistas, de escritores e de professores (para utilizar a divisão proposta por Albert Thibaudet). O conjunto, ainda, questiona o caráter acessório da crítica, ao demonstrar seus vínculos estreitos não só com o texto dito criativo como também com a recepção deste, que, no limite, ao eleger e recortar, como que transforma, de acordo com interesses muitas vezes externos à fatura, o que será lido de uma obra.

Assim, na seção **Ensaios**, o primeiro grupo de textos examina tanto a crítica feita por escritores quanto a crítica entranhada na própria obra literária. É o que se percebe na contribuição de Lênia Márcia Mongelli, "Ariano Suassuna: 'a legenda e o real são uma coisa só!", que abre o dossiê. Trata-se de um texto erudito sobre o arsenal teórico proveniente da crítica e da historiografia literárias, da linguística e da psicologia, que está na base do *Romance da Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna. Nos dois textos subsequentes, de Olga Kempinska, "Hilda Hilst lê Beckett", e de Amanda Rios Herane, "'Conclusões gerais': a leitura da peça *O que é o casamento*?, de José de Alencar, no conto 'Curiosidade' e na crítica de Machado de Assis", as análises demonstram como as obras devem à leitura crítica, aproximando os gestos criativo e crítico. No caso de Machado de Assis, a obra literária, isto é, o conto, resulta de uma crítica de jornal, o que recoloca o debate sobre a possibilidade da ficção oferecer respostas para a vida real. Nesse mesmo grupo de textos, o artigo de Bianca Ribeiro Manfrini articula o crítico e o estético em Mário de Andrade, que estão, segundo a autora, unificados pelo posicionamento político do autor.

O segundo grupo de artigos apresenta colaborações que investigam a crítica de jornal, predominante em um período da nossa história literária e cultural que antecede a proponderância da crítica universitária. O artigo de Eduardo Cesar Maia, "Último refúgio do indivíduo: o ideal de *autonomia* na crítica de Álvaro Lins", tem como foco os textos em que o autor pernambucano discute o ato crítico, oferecendo uma percepção do indivíduo como refúgio contra formas e discursos dogmáticos. De sua parte, Pedro Bueno de Melo Serrano se detém na crítica de rodapé paulista, de 1920-1950, elaborando um mapeamento dos críticos de quatro jornais do Estado em quatro décadas. Finalmente, o texto de Antonio Arnoni Prado se debruça sobre a crítica de Humberto de Campos e enfatiza as limitações desse autor, em um estilo de crítica, a crítica biográfica, praticamente extinto.

Um terceiro grupo de textos tem como objetivo a investigação de fortunas críticas e seu papel na recepção das obras literárias. Gabriela Manduca, em "O sentido político do realismo de Machado de Assis na crítica literária dos anos 1970: os ensaios de Carlos Nelson Coutinho", discute a retomada do aspecto realista na obra de Machado, em contexto de ditadura militar e mobilização política. Na mesma trilha, mas em outros contextos históricos, Jean Pierre Chauvin, em "Pictórico", categoria do Seiscentos", e Emmanuel Santiago, em "Jabuticaba literária: parnasianismo brasileiro, crítica literária e 'arte pela arte", questionam as adequações e distorções operadas pela crítica do século XX, relativas, respectivamente, à literatura colonial e ao parnasianismo. Por seu turno, o texto de Jéssica Cristina Jardim, "Ensaio de síntese: conceito de imaginação na crítica literária do romantismo brasileiro", compara, pelo exame de textos de crítica, os usos do conceito de imaginação no período romântico, aqui e na Europa, ressaltando as diferenças e os limites desse conceito no Brasil. Finalmente, o ensaio de Fabiano

Mendes, "Crítica... Graciliano Ramos... Crítica...: seus romances, os críticos, suas críticas numa ciranda", articula os textos de crítica ao autor com os comentários deste à sua literatura e à literatura de outros, sempre em referência indireta à própria obra. Trata-se de tomada de posição que se tornará estratégica nos dias que correm.

É o que se percebe no ensaio "As armas do invasor: Luiz Ruffato e as disputas do campo literário brasileiro", de Rodrigo da Silva Cerqueira, que abre o último bloco de ensaios, cujo foco é a crítica contemporânea. Lima discute os posicionamentos de Luiz Ruffato em entrevistas, depoimentos e digressões sobre a própria obra, os quais vão contribuindo para formar a sua imagem de escritor e ajudam a inserir a sua obra no campo literário brasileiro. Já, em "O uso da contradição no discurso do historiador Gilfrancisco para reescrever a literatura sergipana", Thiago Martins Prado dá notícia de um modo específico e peculiar para se refletir sobre a história literária regional. Finalmente, em "Algumas questões (muito pessoais) sobre a crítica literária hoje", Patrícia Trindade Nakagome trata dos limites da crítica como uma escrita exclusiva aos pares, implicando-se e convidando o leitor a pensar conjuntamente formas de ação para sairmos do estado de anomia em que nos encontramos. Portanto, o texto que fecha a seção Ensaios é o que mais se aproxima dos dilemas contemporâneos enunciados na abertura desta **Apresentação**.

•

Em meio à elaboração deste número justamente sobre crítica literária, o Brasil perdeu uma figura cuja trajetória redefiniu e consolidou a atividade crítica entre nós. Uma forma que encontramos de render **Homenagem** a Antonio Candido (1918-2017) - cuja obra inspirou e inspira não apenas aqueles que se formaram na Universidade de São Paulo, onde construiu sua carreira, como também pesquisadores e professores Brasil afora - foi reunir três textos escritos por colegas da área de Literatura Brasileira da USP. No primeiro deles, relato de matiz pessoal e memorialístico, Luiz Roncari faz uma bela articulação entre a personalidade e a perspectiva crítica de Antonio Candido. No segundo, João Roberto Faria evoca passagens riquíssimas da convivência entre Antonio Candido e o amigo e crítico teatral Decio de Almeida Prado, seguidas de um depoimento inédito daquele sobre este, intulado "Apogeu". Nas palavras de João Roberto, trata-se "desses textos definitivos, que iluminam igualmente as qualidades intelectuais e humanas de quem o escreveu". Fechando a seção, Simone Rossinetti Rufinoni realiza uma leitura que se detém na obra de Antonio Candido, enfocando, especificamente, a reflexão crítica de Roberto Schwarz em torno de "De cortiço a cortiço" (1973) e "Dialética da malandragem" (1970).

•

Documentos recupera três artigos de Otto Maria Carpeaux, publicados na revista *Leitura*, em 1963, que dialogam com o dossiê proposto, uma vez que, ao escrever sobre Araripe Jr. [crítica], Raul Pompéia [prosa] e Augusto dos Anjos [poesia], o crítico procura debater com seus pares, elaborando também o que se poderia chamar de uma crítica da crítica, sem, contudo, deixar de expor o seu ponto de vista sobre os escritores e as obras em foco. Em boa medida, o estilo e o método de Carpeaux fazem a ponte entre a crítica de rodapé e a crítica acadêmica.

•

O número fecha com uma nova seção, **Brasil Maps**, cujo objetivo é registrar experiências e relatos de pesquisadores que trabalham com literatura e cultura brasileiras em centros de pesquisa e departamentos internacionais. É um modo de mapear a situação dos estudos literários brasileiros no mundo e, ao mesmo tempo, atualizar as discussões e fortalecer os laços que nos ligam a outras culturas. Quem inaugura esse espaço é a professora e pesquisadora Šárka Grauová, que aborda desde a gênese do Departamento de Estudos Luso-Brasileiros na Universidade Carolina de Praga até a sua configuração atual.

•

Outra boa notícia é que a partir desta *Teresa* a criação torna a caminhar de mãos dadas com a crítica. Resgatando suas origens, a revista volta a estampar em suas páginas a cena literária contemporânea. São três os escritores que colaboram neste número, cada um com três textos: Paulo Henriques Britto, que já colaborou em outro momento com a *Teresa*, Priscila Figueiredo, que é também professora da área de Literatura Brasileira, além do estreante Guilherme Paes.

Gostaria de finalizar esta apresentação agradecendo aos professores e críticos que enviaram seus textos; aos três poetas que não só atenderam ao nosso convite como enviaram poemas inéditos; à família de Antonio Candido, em especial, Laura Escorel, que separou gentilmente uma foto do mestre em sala de aula; ao fotógrafo Juan Esteves, pela cumplicidade absoluta; aos professores da área, que colaboraram com seus textos para a homenagem ao crítico - João Roberto Faria, Luiz Roncari e Simone Rossinetti Rufinoni; ao colega Antonio Dimas que localizou e cedeu a histórica foto de Antonio Candido com os professores de Literatura Brasileira, agradecimento estendido a Alcides Villaça, João Roberto Faria e José Miguel Wisnik que ajudaram a identificar todos os colegas presentes na foto citada; à colega Cilaine Alves Cunha, que fez a ponte com a professora Šárka Grauová, da Universidade Carolina de Praga. Agradeço ainda aos colegas Jaime Ginzburg, que pacientemente me ajudou na organização geral do número, e ao Augusto Massi, que contribuiu com toques editoriais, pesquisa iconográfica e leitura final.

Jefferson Agostini Mello